# O CCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

| Preços da assignatura | Anno — 36 n.os | Semest. — 18 n.os | Trim. — 9 n.os | N.o á entrega |
|---|---|---|---|---|
| Portugal (franco de porte, (m. forte) | 3$800 | 1$900 | $950 | $120 |
| Possessões ultramarinas (idem).... | 4$000 | 2$000 | —$— | —$— |
| Extrang. (união geral dos correios) | 5$000 | 2$500 | —$— | —$— |

27.° Anno — XXVII Volume — N.° 902

20 DE JANEIRO DE 1904

Redacção — Atelier de gravura — Administração

*Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4*

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.


## Inauguração do monumento ao Visconde de Valmor

VISCONDE DE VALMOR

## CHRONICA OCCIDENTAL

Uma grande festa, ha dias, foi a da inauguração da nova linha ferrea entre Setil e Vendas Novas, que ligou as linhas da Companhia Real ás do caminho de ferro de Sul e Sueste pertencentes ao governo.

Em todas as estações o povo dos arredores se apinhava e, entre a explosão das girandolas de foguetes, os presidentes das camaras acclamavam El-rei, e o povo respondia aos vivas enthusiasticos com que se festejava o melhoramento importantissimo que lhe haviam trazido.

Está finalmente toda a região do sul de Portugal ligada com as provincias do norte sem a incommoda e dispendiosa travessia do Tejo, desde o Barreiro até Lisboa.

Uma extensa e majestosa ponte atravessa o rio no sitio de Porto de Muge, e d'ella se disfructa uma das mais lindas paizagens de que possam gosar os viajantes em Portugal. O Tejo é ali admiravel, com sua tapada sombria que defende das cheias os campos da margem esquerda, os seus verdes mouchões, os salgueiraes que os rouxinoes habitam e, na margem direita, os pinhaes densos cobrindo leguas. As casarias brancas das aldeias, as torres da pequenina egreja de Muge alegravam o quadro. Os toiros e as eguas em manada erguem as cabeças curiosas á passagem do comboio silvando e os potros cabriolam nas pastagens.

É rica toda a paizagem que se desenrola ante os olhos até á chegada a Coruche, uma das mais opulentas villas do Ribatejo.

Era esta decerto a povoação que mais lucrava com a nova linha e, por isso, ali foi maior o enthusismo á chegada do comboio, mais vistoso o recebimento dos que haviam trabalhado pela realisação d'esta obra do progresso.

Continúa a linha até Vendas Novas caminhando entre charnecas, com alguns olivaes ou mattas de sobreiros, serras a que vae levar talvez uma abundancia, que sem ella aquelles cabeços não veriam nunca.

Os horarios da nova linha foram elaborados de maneira que offerecem aos viajantes as maiores vantagens.

No dia seguinte ao da inauguração os comboios andavam cheios de gente que desejava conhecer a linha e d'outra que já a aproveitava para suas primeiras necessidades.

E todos, com enthusiasmo justissimo, victoriavam o engenheiro Antonio de Vasconcellos Porto, que dirigira superiormente a construcção, dedidicando á rapidez com que todas as obras foram executadas o melhor do seu talento e energia.

Nomeara-o El-rei na vespera seu ajudante de campo, depois de já o haver, quando da inauguração da linha da Beira Baixa, distinguido, com os cordões de official ás ordens; mas o Illustre engenheiro precisava, para alegria de sua consciencia, d'esta consagração que lhe fizeram os povos. Foi um acto de justiça, que decerto consolará quantos conhecem a alta intelligencia diamantina, o caracter fino como uma perola, d'este homem que se tem enchido d'honra pelo trabalho constante n'um caminho constantemente honrado.

O engenheiro Antonio de Vasconcellos Porto occupa hoje na Companhia Real um dos mais altos cargos. Cada um de seus passos foi applaudido por quantos tiveram a honra de conhecel-o e aprecial-o, por quantos tiveram o prazer de servir ás suas ordens.

Um abraço d'aqui enviamos ao que no campo mais ajudou o distincto engenheiro, ao nosso antigo companheiro e querido amigo Felix Alves.

Estas são as boas glorias, as alcançadas entre o applauso unanime,

ACTO DA INAUGURAÇAO DO MONUMENTO, NO LARGO DA BIBLIOTHECA

(Instantaneo do sr. Antonio Novaes)

as que não tem um travo de fel, porque todos lhe reconhecem a justiça e o invejoso e o impotente hão de por força calar-se.

Quando um homem consegue que sua gloria dê alegria aos outros, é porque a mais que o brilho de sua intelligencia os primores de caracter o rodearam de sympathias.

FELIX ALVES

Gloria na sciencia, gloria na arte; d'uma falámos e d'outro falaremos conforme nossa promessa, gloria genuina da arte portugueza.

Tambem d'este se póde dizer que não só o seu talento o tornou celebre, mas que á sua força para o trabalho deve o nome de artista hoje entre nós tão acclamado, e até fora das fronteiras.

É na sala grande da redacção do *Diario de Noticias* que se está realisando a exposição dos trabalhos de Columbano Bordallo Pinheiro. Ali podemos admirar muitas das principaes obras do artista, desde seus primeiros quadros datados de 1880 até suas ultimas producções, quadros a oleo, aguarellas, pasteis, desenhos, uns em sua forma definitiva, em esboço alguns.

Não ha para conhecer um artista como estas exposições, porque mais facilmente assim os olhos se educam a perceber-lhe as qualidades que o distinguem e porque os progressos, quer nos ideaes quer na technica, assim se tornam mais notaveis tendo ao lado o termo de comparação.

Seria difficil fazer uma classificação das obras expostas sob a base do seu merito relativo. O talento de Columbano impõe-se, e o quadro que no instante nos chamou a attenção esse mais nos seduz. Entretanto o progresso é evidente e com certeza uma das obras primas, entre todas as obras perfeitas, é seu ultimo trabalho, o extraordinario retrato de Jayme Batalha Reis.

A exposição tem sido muito concorrida, tendo El-rei. sr. D. Carlos e a Rainha, sr.ª D. Amelia, assistido á sua inauguração.

A sala está muito bem illuminada a luz electrica, e á redação do *Diario de Noticias* devemos agradecer sua iniciativa, dando-nos a conhecer assim reunida a obra d'um dos mais excellentes artistas de que pode orgulhar-se Portugal.

Glorias na sciencia, glorias na arte. Ficaremos ainda n'estas regiões, referindo-nos agora a uma gloria politica.

Effectivamente o passeio do sr. João Franco Castello Branco pelas provincias do norte tem sido o que se chama triumphal, nada lhe faltando do que costuma acompanhar os politicos n'estas viagens, mas havendo d'esta vez um extraordinario enthusiasmo na recepção.

Teem-se seguido as festas e os jantares. Vianna e Braga não quizeram ficar na rectaguarda do Porto, no que tivesse de significar adhesão ao chefe do partido regenerador liberal. Os discursos do sr. João Franco foram applaudidissimos por toda a parte, e tanto que até para Vianna marcharam policias não se desse o caso de tornar-se preciso deitar agua em fervuras.

Para estes não houve dias tristes. Nem elles souberam se o sol brilhava intenso no céo azul ou se nuvens carregadas o toldavam obrigando ao serviço as molas dos chapeos de chuva. A gloria põe a alma toda azul e almas azues não sahem das nuvens do ceo.

Pois nem para todos o sol brilhou, que houve em muitos olhos lagrimas, em muitas almas negrumes. Ainda na chronica passada falámos de como é triste a morte quando arrebata gente nova, e mal sabiamos então que seus olhos crueis olhavam cubiçosos para uma das mais formosas creanças de Lisboa, pura almasinha de artista, enlevo de quantos a conheciam. Dava-lhe fama sua vozinha de rouxinol, e hoje as musicas que foram encanto soam como notas funebres aos ouvidos da pobre mãe de Leonor Marques da Costa, e dos irmãos que tanto a estremeciam.

Que lugubres foram para elles estes dias, dias de inverno em que tanta vez a chuva cahiu continuada e melancolica!

Tão triste é o inverno para alguns e tão alegre para outros, para os que se divertem, para os que frequentam bailes e theatros! O proprio frio que vae cá fóra nas ruas, até esse faz com que elles estimem mais o calor de seus fogões, o conchego de suas salas.

Estamos em pleno inverno, quer dizer em plena epoca de festas.

Nos theatros não teem faltado n'estes primeiros mezes da epoca os originaes portuguezes. Foi ha dois ou tres dias retirada de scena em D. Maria a comedia de Julio Dantas e para breve já se annuncia um original de Coelho de Carvalho, o feliz traductor da *Aventureira* e da *Dolores*, sua estreia como auctor, assegurando-nos seu talento de poeta o exito da peça. No theatro do Principe Real foi applaudido o drama de Eduardo Coelho *O Cóxo do Bairro Alto* e no theatro D. Amelia continúa em marcha triumphal *A Cruz da Esmola* de Eduardo Schwalback.

Outras festas em theatros, que vão succeder-se agora, são os beneficios dos artistas, o de Lucilia com a *Francillon*, o de Brazão com a *Leonor Telles*. Muitas flores, muitos presentes, muitas palmas.

Não tarda ahi o entrudo e já os theatros se preparam para recebel-o, já os emprezarios fazem seus reclamos, os de D. Amelia, os de D. Maria, os do Colyseu annunciando decorações e surprezas.

Não faltarão alegrias no theatro e até, para que sejam maiores, já chegou a Lisboa o Garrido, o homem mais alegre que ha n'este mundo e que deve ter trazido na algibeira qualquer farça, magica ou opera comica.

Será este anno o entrudo civilisado como no passado? O sr. governador civil o permitta, e mais uma vez teremos que render-lhe graças. Não deve esquecer-se o que se passou em S. Carlos, d'aquella vez em que o publico teve de protestar, porque, ainda dois dias depois, a sala parecia um barril de lixo. O anno passado tudo andou alegre, os theatros e muita gente boa folgaram com isso. Pede-se bis.

*João da Camara.*

## AS NOSSAS GRAVURAS

### INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO AO VISCONDE DE VALMOR

Por iniciativa dos professores e alumnos da Academia de Bellas Artes de Lisboa, foi erigido um monumento ao Visconde de Valmor cuja inauguração se realisou no dia 9 do corrente perante grande numero de artistas, alumnos da Academia, etc., no largo da Bibliotheca, revestindo a cerimonia da entrega do monumento á Camara Municipal de Lisboa, um tom festivo.

Sendo collocado á esquerda do monumento um estrado, e n'este uma meza, o sr. Visconde de Athouguia convidou o sr. conselheiro Antonio d'Azevedo, presidente da camara, a sentar-se n'uma cadeira que se lhe destinára, dando a direita á sr.ª viscondessa de Valmor, que ficára fóra do estrado. Em seguida tomou a palavra o sr. Visconde de Athouguia, em nome da Academia, pondo em relevo os serviços que o Visconde de Valmór prestára ás artes portuguezas, fazendo sobresair principalmente o valor do legado que tantas vantagens tem trazido á Arte Nacional. Interpretando fielmente os sentimentos de gratidão da Academia de Bellas Artes, por tão importante auxilio, diz que ella o tinha como um bom, e dedicado amigo.

Em seguida falou o sr. conselheiro Antonio d'Azevedo, que agradeceu o offerecimento que é um signal de gratidão da Academia Real de Bellas Artes para aquelle que tão d'alma e coração se entregára ao engrandecimento da Arte em Portugal, sua patria.

Logo que o sr. conselheiro Antonio d'Azevedo terminou a sua allocução, descerrou o busto que até o momento solemne estivera coberto com a bandeira portugueza. Feita officialmente a inauguração, todos os assistentes proromperam em calorosos e unisonos applausos.

A cerimonia concluiu pela leitura do *Auto da Entrega* feita pelo sr. secretario da camara.

Havia um outro auto que, por causas imprevistas, não poude ser lido na mesma occasião, mas foi assignado depois do acto na sala das sessões da Academia de Bellas Artes. Era o auto de inauguração assignado pelo presidente e vereadores da camara municipal, inspector e socios da Academia Real de Bellas Artes, artistas, alumnos da Escolas de Bellas Artes e representantes da imprensa. O auto da entrega foi assignado por varios artistas, escriptores, etc.

O simples e elegante pedestal foi traçado em marmore pelo illustre professor d'architectura sr. Luiz Monteiro; para o busto foram os iniciadores do monumento falar a Teixeira Lopes, que gentilmente se prestou a modelál o podendo-se hoje admirar em Lisboa mais uma obra d'arte do insigne esculptor.

A Camara Municipal tambem concorreu com a sua quota parte para a boa realisação d'este monumento, cedendo aquelle *squere* do largo da Bibliotheca para que ahi ficasse memorado o homem a quem a Arte Portugueza tanto deve.

O Visconde de Valmor era digno de que os alumnos e professores da Escola de Bellas Artes lhe fizessem erigir o monumento, que é, afinal um padrão da Patria a um dos filhos que mais lhe mereceram.

### ENTREGA AO GOVERNO DA CANHONEIRA «PATRIA»

Foi no dia 27 de dezembro, findo, que se realisou a cerimonia da entrega ao governo da canhoneira *Patria*, mandada construir pela colonia portugueza do Brazil.

Assistiram ao acto, além dos srs. ministro da marinha e seus ajudantes, differentes officiaes da armada, representantes da commissão patriotica, etc.

Representavam o arsenal de marinha, o contra-almirante conselheiro sr. Joaquim Ferreira do Amaral; o engenheiro director technico, sr. Affonso Croneau e chefe da reparfição da contabilidade sr. João Carlos Thompson; e a commissão da grande subscripção patriotica o contra-almirante conselheiro sr. Augusto de Castilho e Noronha.

Foram outhorgantes por parte do governo, o capitão-tenente da armada sr. Henrique de Castro Carvalhosa e Athayde, por parte da commissão da grande subscripção patriotica o sr. visconde de Avellar.

No nosso n.º 883 fizemos referencia á cerimonia do lançamento ao mar da canhoneira *Patria*, construida no arsenal de marinha, com o producto da subscripção aberta entre a colonia portugueza residente no Brazil, e aos trabalhos d'essa construcção em que superintendeu o sr. conselheiro Augusto de Castilho. Pódem tambem a elle recorrer os que quizerem julgar do valor d'esse vaso de guerra, a que não faltam todos os modernos aperfeiçoamentos.

Minuciosamente ahi fizemos a sua descripção. e d'ella se deprehende o desenvolvimento que n'estes ultimos tempos tem tido a construcção naval no nosso arsenal de marinha.

Terminada a bordo a cerimonia da entrega foram pronunciados alguns discursos, usando da palavra os srs Augusto de Castilho, ministro da marinha e visconde de Sande.

N'esses discursos não foi esquecida a procedencia generosa da offerta que veio augmentar o numero dos navios de guerra portuguezes e que foi mais uma affirmação patriotica dos nossos irmãos, que, longe de Portugal, não se esquecem nunca de lhe provar de quantos sacrificios são capazes no momento em que se torne necessario suavisar-lhe uma angustia ou acudir-lhe n'uma crise.

No grupo que é assumpto d'uma das nossas gravuras respeitantes á entrega da canhoneira *Patria*, estão representados todos os que tomaram parte n'essa sympathica cerimonia, de tão significativa eloquencia.

Depois de lavrado o auto o sr. ministro da marinha mandou arvorar na canhoneira a flamula de guerra entregando o commando ao capitão-tenente sr. Silva Ribeiro.

Parece que a primeira viagem da canhoneira *Patria* será aos portos do Brazil, devendo no proximo mez de abril chegar do estrangeiro a artilheria que lhe é destinada e que ali se está fabricando.

### *Antonio Alfredo da Silva Ribeiro*

O commandante da canhoneira *Patria*, sr. Silva Ribeiro é um official distincto e cujos serviços nas nossas colonias e no mar tem chamado sobre o seu nome as attenções dos seus superiores.

Tendo já exercido o commando de varios navios de guerra, soube sempre conciliar o prestigio da disciplina com o tracto affavel do homem educado no estudo e na melhor convivencia social, sendo por isso estimado de todos os seus collegas e inferiores. O seu nome está já vinculado a importantes trabalhos em commissões especiaes para que tem sido nomeado, sendo os

mais importantes as obras de balisagem em Lourenço Marques e n'outros pontos da provincia de Moçambique, tendo tambem iniciado valiosos melhoramentos como capitão dos portos de Cabo Verde.

Trabalhador e estudioso como poucos, o sr. Silva Ribeiro é um official que honra a corporação a que pertence, e que tão honrosas tradicções tem na sua historia.

## ALFREDO SERRANO

### As suas conferencias sobre Arte

O illustre professor e poeta, ha pouco regressado do estrangeiro, depois de uma ausencia de seis annos, em que percorreu as principaes cidades da Europa onde visitou os seus museus d'artes, vendo os originaes mais celebres da pintura e da estatuaria, contemplando de perto os grandes monumentos antigos e modernos, passando ante os seus olhos de critico todas essas manifestações do espirito dos poetas pintores, esculptores e architectos que viveram para a Arte, dos que para ella ainda vivem.

Não foi de balde que o sr. Alfredo Serrano viu todo esse mundo d'Arte, colhendo elementos de estudo e impressões, base das conferencias que realisou em Lisboa e no Porto, fazendo a critica de escolas e de epocas, apresentando certa novidade nos seus juizos, que são muito para attender, sobre tudo no nosso meio, onde as questões d'Arte tem andado tão descuradas.

A primeira de suas conferencias, na Sociedade de Geographia, foi sobre a escola hollandeza e o conferente apresentou primeiro os tres pontos principaes da sua palestra: «Saber se a pintura hollandeza fôra realmente original. Qual o verdadeiro caracter da pintura hollandeza? Provar que, se a pintura hollandeza do seculo XVII foi a mais independente de todas é porque os hollandezes se affastaram do espirito da Renascença.»

Em seguida fez uma divisão da historia da pintura, perfeitamente sua, em tres epocas: a 1.ª que vae de Giotto até á reacção de Savonarola; a 2.ª que nasce e morre com a grande Renascença; a 3.ª que começa com a revolta artistica de Caravaggio. Por conseguinte a pintura hollandeza não pode marcar uma epoca áparte, mas ser incluida no torceiro cyclo.

O sr. Alfredo Serrano demonstra, com um sem numero de exemplos, colhidos em todos os museus da Europa, que tudo quanto os hollandezes fizeram no seculo XVII já estava feito, em germen ou com desinvoltura, pelos neerlandezes; por conseguinte que os hollandezes não foram rigorosamente originaes como muitos pretendem.

Depois o orador prova que o verdadeiro caracter da pintura hollandeza é o haver sido a mais independente e local de todas, encarando e amando a natureza como nenhuma outra, fazendo o retrato da Hollanda com as suas paisagens, os seus rios, os seus moinhos, os seus pantanos!

De onde provem essa independencia? Quanto ao conferente, isso provém do desprezo dos hollandezes pelo espirito da Renascença. Onde chegou o culto do grego antigo começou a academisação, a frieza da arte; pelo contrario assim que uma escola se affasta do culto do grego antigo, a arte é livre e expressiva. O culto do grego antigo foi um snobismo durante a Renascença.

O fito da Renascença, a representação do corpo nu do homem, é diametralmente opposto ao da pintura hollandeza que não considera o homem senão como um ponto na natureza. A' affectação, ao maneirismo, ao espectaculoso, á matrialidade, ao decorativo, á frieza, á imposição d'uma belleza official, ao desprezo da natureza, coisas estas trazidas pela Renascença, os hollandezes, oppõem a simplicidade, a naturalidade, a concentração, a força interior da expressão, o calor, a liberdade nos assumptos, o amor pela natureza.

Antes da Renascença o artista vive demasiadamente para o ceu, mas as suas obras são sinceras e extraordinarias. Durante a Renascença o homem só vive para si, só se considera a si, physicamente, e isto mesmo através de blocos de pedra mais ou menos convencionalmente bellos. Depois da revolta de Caravaggio, a arte começa a ser tudo.

Já não é o predominio do espirito sobre o corpo humano e a natureza. Já não é o predominio do corpo humano sobre a natureza e o espirito. E' o

ALFREDO SERRANO

equilibrio perfeito entre o espirito e o corpo, entre a natureza bruta e o homem pensante. Foi d'este equilibrio que nasceu a pintura hollandeza do seculo XVII.

Isto não é senão uma pallida ideia do que foi a conferencia do sr. Alfredo Serrano, que durou uma hora e meia.

* * *

Não foi menos interessante a conferencia sobre «Rembrandt e a sua obra».

O conferente apresenta Rembrandt como o maior pintor da Hollanda ao mesmo tempo que demonstra ser este artista o que menos seguiu a escola do seu paiz.

Foi um revolucionario que se insurgio contra a copia servil da natureza para dar largas á sua phantasia. Elle sentia como nenhum outro a sua obra; deu vida e deu alma ás figuras dos seus quadros; desprendeu-se dos convencionalismos da academia. Depois d'isto o que ha mais a estudar nos seus quadros è a luz, e deserta largamente sobre este ponto, dizendo que não foram os pintores hollandezes do seculo XVII os primeiros que estudaram os effeitos de luz, pois que no seculo XV já se fazia esse estudo, mas Caravaggio foi o primeiro pintor que mais estudou esses effeitos e lhes deu importancia assim como Elzeimer.

Defende Rembrandt das accusações de que tem sido alvo, feitas pelos que discutem a belleza da sua obra sem attenderem á originalidade e inspiração do artista.

Aprecia largamente o celebre quadro *Ronda da noite*, estabelecendo comparação com outros pintores hollandezes, que nenhum consegue a fusão dos contornos com o espaço e com a luz como Rembrandt.

Effectivamente é este o grande segredo e originalidade do celebre pintor.

Faz ainda a critica de Rembrandt como retratista e diz que elle é inferior a Velasques. Van Dyck e Frans Hals eximio retratista hollandez, no sentido geral do retrato exterior, mas os retratos de Rembrandt tem mais expressão intima, são mais flagrantes, retratam mais a alma.

Estuda ainda Rembrandt como pintor historico-religioso que vae á Biblia, como campo mais vasto para o seu grande espirito, buscar assumpto para seus quadros. Em toda a conferencia o sr. Alfredo Serrano mostrou grande conhecimento de pintores e suas obras, citando-os e comparando-as como quem as viu de perto.

Eis, em rapidas linhas, o que foi esta conferencia, escutada por numeroso e selecto auditorio que calorosamente applaudiu o conferente ao terminar.

* * *

A terceira conferencia realisada no Instituto Portuense de Estudos e Conferencias, versou sobre a Renascença.

Presidiu á conferencia o sr. conde de Samodães presidente d'aquella agremiação, o qual cedeu o seu logar ao illustre prelado do Porto D. Antonio Barroso.

O conferente declarou que não se apresentava como adversario irreconciliavel da Renascença, mas simplesmente para expor suas ideias sobre o que viu e estudou durante suas viagens pela Europa.

Pretende provar que a Renascença do seculo XVI foi perniciosa para a arte e que a adoração pelo grego antigo virá a acabar. Passa em revista a estatuaria antiga, o *Apollo* de Belvedere, a *Venus* de Milo, a *Victoria* do Louvre, os *Luctadores* e os *Niobides* de Florença, etc., aponta os defeitos d'estas obras fazendo sentir a falta de expressão e de vida e até a apregoada perfeição technica.

Da mesma maneira critica a pintura grega, principiando pelo colorido falso e acabando na perspectiva, que os gregos não conheciam, dominando só o convencionalismo.

E' larga a sua desertação sobre o convencionalismo na arte grega.

A architectura é mesquinha, rudimentar, sem expressão nem pittoresco. Compara a architectura grega com a ogival e pronuncia se pela segunda.

Sustenta que a arte christã é a mais humana. A arte pagã estava morta pouco antes de Christo, como o confessa Plinio. Foi o christianismo que deu expressão á arte.

Chega o sr. Alfredo Serrano ao ponto principal da sua conferencia, a Renascença, e diz que ella maneatou o artista pelo estudo do nu e lhe impôz uma belleza restricta á estatuaria antiga. D'ahi resultou, a seu vêr, a imposição d'uma arte sem alma, fria e inexpressiva, sem originalidade, atrofiando a liberdade e inspiração do artista.

E' frisante o que demonstra sobre a arte não acompanhar o tempo e ir inspirar-se no antigo.

Para isto cita exemplos do que viu lá por fora sem originalidade, e combate os que dizem que a Renascença foi uma necessidade, quando ella foi uma imposição dos nobres e dos poderosos e tanto assim que os grandes artistas da segunda metade do seculo xv pronunciam-se por Savonarola no seu protesto contra a Renascença.

Cita os nomes dos artistas que se insurgem contra a Renascença, e o erudito conferente mostra á saciedade quanto ella concorreu para uma arte falsa.

O sr. Alfredo Serrano conclue por querer ampla e completa liberdade para a arte; que ella seja o sentir de cada povo e de cada época, completamente desprendida de regras ou imposições officiaes, deixando livre a inspiração do artista.

A conferencia do sr. Alfredo Serrano produziu funda impressão no auditorio que o applaudiu calorosamente.

Sentimos não poder dar mais largas a este extracto, mas não nos permitte o espaço,

*R.*

## VÉU NEGRO

### (De Carlos Dickens)

**(Concluido do numero antecedente)**

—Ah! meu Deus!—exclamou a desconhecida soluçando—como hei de eu fazer crêr aos outros o que a mim mesma me parece difficil? Quer então ir vêl-o? — ajuntou, erguendo-se a subitas.

—Minha senhora, creio que ainda me não excusei a isso — retorquiu o medico — mas desde já a aviso de que se continúa n'essa teimosia que se não comprehende e essa pessoa morrer, a senhora assume uma grave responsabilidade.

—Bem sei que a responsabilidade é grave, mais ainda, terrivel, e o céu ha de tomar-me contas— respondeu a dama acremente.—Não tenho duvida alguma em acceitál-a, porque sei como defender-me.

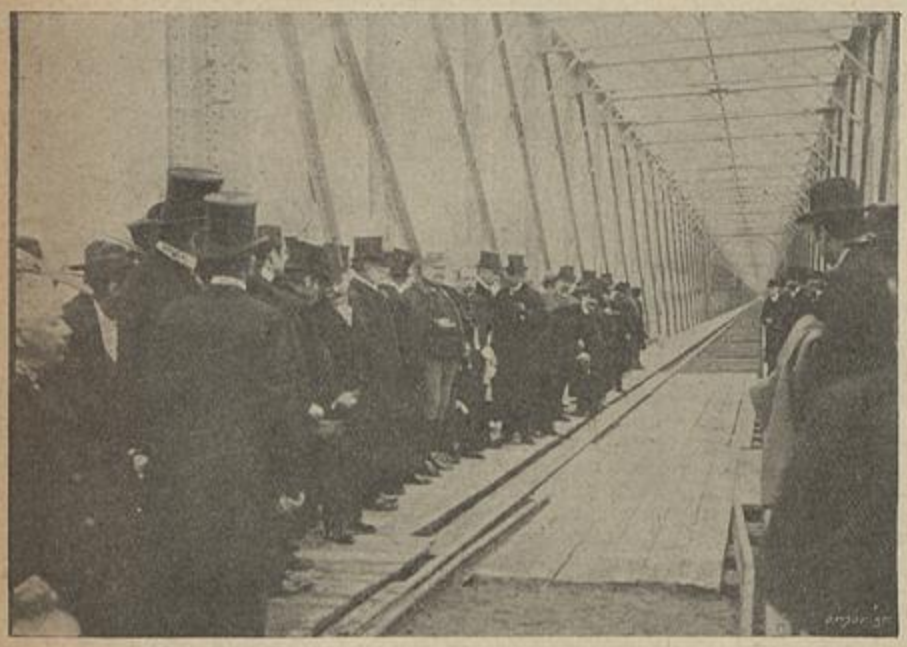
O medico disse então que ia ver a pessoa na manhan seguinte e que lhe deixasse a morada, perguntando a que horas poderia ir. Ao que

# Inauguração do caminho de ferro de Setil a Vendas Novas

ANTONIO DE VASCONCELLOS PORTO

Engenheiro director da construcção da nova linha de Setil a Vendas Novas

CHEGADA DO COMBOIO REAL A SETIL



S. M. EL-REI D. CARLOS INAUGURANDO A PONTE «D. AMELIA»

O COMBOIO ENTRANDO NA PONTE «D. AMELIA»

CHEGADA DO COMBOIO REAL A CORUCHE

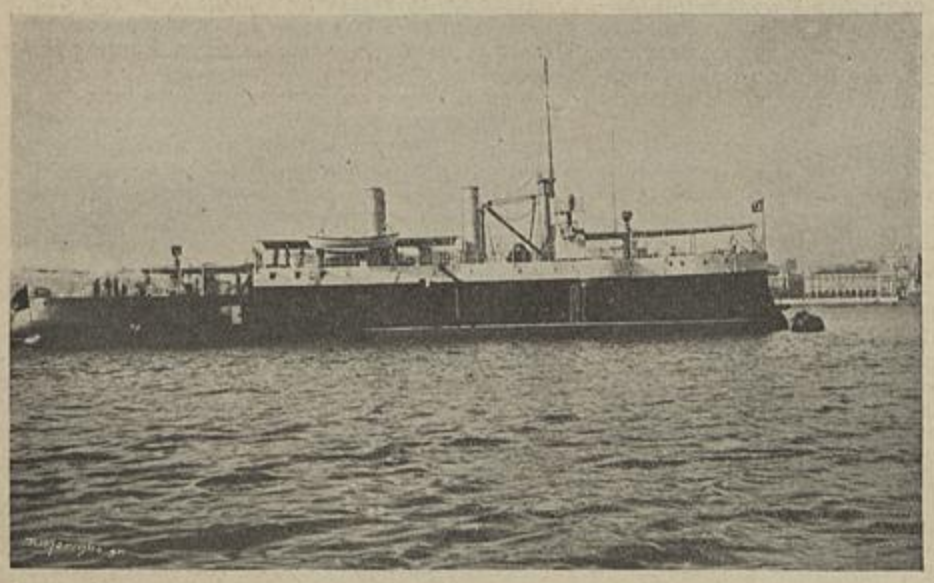
OS CAMPINOS DE CORUCHE AGUARDANDO A PASSAGEM DO COMBOIO REAL

*(Instantaneos do sr. Alberto Lima)*

Vidé Chronica Occidental

CAPITÃO-TENENTE SILVA RIBEIRO
COMMANDANTE DA CANHONEIRA «PATRIA»

A CANHONEIRA «PATRIA» VISTA DE FRENTE
(Instantaneo do sr. Alberto Lima)



A CANHONEIRA» PATRIA» VISTA DE LADO
(Instantaneo do sr. Alberto Lima)

a dama do véu negro retorquiu que ás nove, arriscando-se o clinico a perguntar se a pessoa permanecia em casa d'ella, respondendo negativamente.

—N'esse caso — tornou o physico — se lhe receitasse um remedio para esta noite o seu doente não podia tomál-o?

—Não! — disse a cliente soluçando penosamente — não podia!

Vendo que pouca probabilidade tinha em conseguir outras indicações embora prolongasse o colloquio, e não querendo ferir os brios d'esta dama, para não lhe augmentar os padecimentos moraes que, sopeados ao começo por uma tenaz força de vontade, via-se n'este momento claramente serem dolorosissimos, o clinico tornou a dizer que ia a casa do moribundo na manhan immediata ás nove. A dama após a indicação de uma ruella do bairro pobre de Walworth, saiu com o mesmo mysterio com que entrára:

II

Comprehende-se facilmente que uma visita d'aquella ordem impressionasse bastante o espirito d'um clinico e tanto assim que principiou a scismar no caso sem que désse resultado. Como a maioria da gente, ouvira referir em varias occasiões factos inexplicaveis, presentimentos que alguns entes têem do dia, hora e até do minuto exacto do seu passamento. Creu por um momento que se tractasse d'um caso identico; recordou-se comtudo de que todos os exemplos que conhecera haviam succedido

Capitão-tenente Silva Ribeiro  Capitão de fragata Carvalhosa e Athayde  2.º tenente Judice de Vasconcellos  Capitão-tenente Julio Gallis
Capitão-tenente Silva Moreno  Capitão de fragata Augusto Osorio  Commissario João Thompson  Machinista naval Santhiago
Visconde de Sande  Contra almirante Augusto de Castilho  2.º tenente Sousa Coutinho
Ministro da Marinha  Contra almirante Ferreira do Amaral
Engenheiro Croneau

**Grupo tirado a bordo da canhoneira «Patria» por occasião da entrega do navio ao governo.** (Cliché do sr. Camacho, propriedade da *Mala da Europa*)

com pessoas que de algum modo fossem prevenidas pela sua propria morte. Ora, a dama do véu negro falára-lhe n'outra pessoa, n'um homem, e não era possivel presumir que um simples sonho ou uma phantasia da sua imaginativa, uma allucinação qualquer, a forçasse a falar na proxima morte d'aquelle, terrivelmente convicta do que expressava. Darse-ía o caso de que o ente fosse assassinado n'aquella manhan e que a mulher primeiro cumplice voluntario do assassinio, forçada por uma promessa a calar-se, e para que a victima não morresse, se resolvesse por fim a recorrer ao tardo soccorro de um clinico ? Por este motivo não havia certeza de deter os criminosos, o que podia succeder no acto flagrante, e com difficuldade se encontrariam vestigios. E' bom notar que as proezas de Buske e Bishop não haviam ainda alcançado a sua terrivel fama, comtudo fizeram comprehender a facilidade com que se praticavam horriveis atrocidades.

Embora não fosse n'isto que o medico pensava, o caso é que estava hesitante ; como era novo, porêm, e de animo, não esteve muito tempo em duvidas, e tanto assim que saíu e foi bater á porta da casa indicada pela dama do véu negro. Comprehendia-se um fraco vozear como se se conversasse de baixo, ao topo d'um corredor, para cima. N'esta occasião ouviu-se caír um par de botas no chão. Destrancaram a porta e um individuo alto, de má-cara, cabellos negros e tão branco, tão branco — narrava depois o clinico — como nunca vira os cadaveres que até então se lhe depararam, foi quem lhe appareceu e o convidou, em voz baixa, para entrar.

O medico não se fez rogado e o homem. depois de haver trancado a porta, acompanhou-o a um compartimento que ficava ao topo do corredor.

— Vim a tempo ? — interrogou o clinico.

— Veiu até muito cedo !

O medico voltou-se fazendo um gesto de espanto que demonstrava a agitação que não podia dissimular. O seu guia, a quem não passara despercebida a agitação do visitante, disse-lhe que se quizesse entrar no quarto, esperasse cinco minutos ; o medico entrou no compartimento onde fôra conduzido, e o homem saíu deixando-o sósinho.

Era uma casita agreste, tendo por moveis uma mesa de pinho e duas cadeiras. Alguns carvões ardiam n'um fogareiro, mas faziam sentir mais a humidade que caía do alto das paredes em grandes sulcos. A janella, com os vidros partidos e remendados em alguns pontos, deitava para um pequeno quintal rodeado de muros de pouca altura e quasi que inculto. Havia um grande socego. O medico acercou-se do lume, aguardando o effeito da sua primeira visita. Passados uns dez minutos sentiu o rumor de uma carruagem ao pé da casa. Abriram a porta da rua ; falou-se em segredo ao mesmo tempo que uns passos furtivos na escada e no corredor davam a entender que uns tres homens conduziam um fardo de peso para o quarto que ficava por cima d'aquelle em que permanecia. Mais tarde ouviu o ranger dos degraus como se os homens, tendo cumprido o que lhes cabia, saíssem ; em seguida sentiu fechar-se a porta, e o mutismo continuou. D'ahi a cinco minutos, como tardassem, o medico ia procurar alguem para saber o que se passava, quando a porta se abriu e appareceu a mesma dama, com quem estivera na vespera trajada do mesmo modo e ainda com o véu negro posto, que lhe fez signal para que se acercasse.

A sua grande estatura e a teimosia do seu silencio fizeram acreditar por momentos ao nosso doutor que a mulher fosse um homem assim disfarçado ; os soluços apaixonados, porêm, que soltava e a attitude convulsa, asseveraram-lhe que se illudira ; por conseguinte acompanhou a mysteriosa dama que o levou ao andar de cima, e, apenas chegou ao patamar, estacou ante a porta e fêl-o entrar primeiro.

O quarto era miseravelmente mobilado : uma arca de madeira, duas cadeiras e uma cama sem cortinado, com a coberta cheia de remendos. A tibia claridade que passava atravez a cortina da janella que o medico já vira exteriormente, tornava os objectos tão indistinctos e dava tons tão eguaes que o medico não notou ao principio no que em seguida lhe saltou á vista quando a mulher passando-lhe á frente com um movimento espavorido, se ajoelhou aos pés da cama.

Embrulhado n'um panno e tapado com um lençol, jazia alli, extendido, um vulto humano, rigido, e apparentemente inanimado. A cabeça e o rosto d'um homem estava á vista ; uma ligadura que vinha do alto do craneo, passava-lhe pela cara e atava-se no mento. Tinha os olhos fechados ; o braço esquerdo repousava pesadamente ao longo do corpo e a dama segurava-lhe a mão inerte. Com brandura o clinico repelliu a mulher e tomou aquella mão, que deixou cair instinctivamente exclamando :

— Este homem morreu !

— Por Deus, não diga isso !—gritou phreneticamente a desconhecida — Não posso, não quero, nem creio. Ha pessoas que tornam á vida em seguida a dizel-as mortas, outras morreram por não haver meio algum de salval-as ! Não o abandone sem que se esforce por arrancal-o ás garras da morte ; ainda deve ter uns restos de vida; tente, senhor, tente, por Deus lh'o peço !

E á medida que ia falando friccionava com ardor a testa e o peito do homem inerte ; batia-lhe fortemente com certa selvageria nas palmas das mãos geladas que caíram pesadamente logo que a dama deixou de as amparar.

— Tudo isso é baldado — aconselhou meigamente o medico, retirando a mão que a dama collocara no coração do inanimado ente. Deixe-o... Tire aquella cortina.

— Para que fim ?...—perguntou a mulher erguendo-se sobresaltadamente.

— Já lhe mandei que tirasse aquella cortina — repetiu o clinico, tremendo-lhe a voz.

— Foi propositalmente que deixei o quarto assim ás escuras — explicou a desconhecida collocando-se-lhe em frente para cohibir o medico de fazer o que lhe pedia — Por piedade, senhor, tenha dó de mim ! Se não ha meio algum de salval-o, se effectivamente morreu, não o mostre a ninguem mais.

— Este homem não falleceu de morte natural — disse o medico — Por isso quero ver o cadaver ! — e com um movimento tão rapido que a mulher não poude evitar, puxou a cortina e a luz então jorrou para o quarto; feito isto o medico tornou para o pé da cama. — Foi perpetrado aqui um acto violento — continuou, apontando o cadaver, e olhando fixamente para a dama que, desesperadamente, tirára o chapeu e o véu e cravava os olhos no medico.

A mulher tinha cincoenta annos e mostrava uns restos de formosura. No rosto, porêm, viam-se signaes evidentes de desgostos e lagrimas que nem só o tempo as podia imprimir. O rosto estava d'uma pallidez cadaverica ; os labios contraiam-se nervosamente, e os olhos brilhavam de fórma tal que demonstrava que as suas faculdades physicas e mentaes haviam sido vencidas pelo peso de todas as desventuras.

— Foi praticado um acto violento aqui ! — tornou o medico não deixando de olhar fixamente as pupillas da mulher.

— E' verdade ! — respondeu.

— Assassinaram este homem !

— Sim, assassinaram-n'o ! — retorquiu a mulher exaltadamente. — Tomo a Deus por testemunha ! Foi assassinado de uma fórma cobarde, desapiedada, deshumana !

— E quem foi ! — exclamou o medico agarrando-a por um braço.

— Veja os vestigios que o criminoso deixou marcados no corpo — explicou a mulher.

O medico olhou para a cama e inclinou-se sobre o corpo que n'aquelle momento estava allumiado por muita luz. O pescoço tumificára-se e tinha a livida marca de uma corda que o tivesse apertado.

A verdade apresentou-se lucida no cerebro do medico.

— Mas este é o homem que foi enforcado esta manhan ! — exclamou, recuando horrorisido.

— E' verdade ! — respondeu a dama do véu negro fria e quasi indifferentemente.

— De quem é esse cadaver ?

— De *meu filho !* — retorquiu a mulher, caindo inanimada a seus pés.

Confessára a verdade. Absolvêra-se o cumplice por não haver provas e o innocente fôra condemnado á morte e justiçado.

* * *

Ocioso seria narrar aqui os pormenores d'esse caso ha muito já succedido. Por demais era uma historia lugubre e sanguinolenta, repetição das muitas que dia a dia se lêem nas gazetas. A mãe era uma infeliz viuva, sem ninguem amiga, misera, que se privára de tudo para aviventar o orphão ; elle, insensivel a tudo, esquecido dos sacrificios e soffrimentos que padecêra por sua causa, entregára-se a todos os vicios e crimes. E o resultado d'aquelle viver estava bem patente aos olhos do medico: o filho assassinado pelo verdugo e a mãe avergada ao peso da vergonha e irremediavelmente louca.

*Henrique Marques Junior.*

# SOL

Por Alfredo Guimarães

Entre a nova geração do norte do reino Alfredo Guimarães, ainda hontem um desconhecido, rapidamente conquistou um bom logar. Pela sua prosa tão burilada e artistica e pelo seu verso tão facetado e brilhante tem, sem contestação, apezar da sua pouca idade, direito a elle.

Alfredo Guimarães é director da revista vimarenense, *Ala Moderna* uma bem redigida e cuidada revista illustrada, em que o distincto poeta tem traçado bellos capitulos de arte, uns deliciosos artigos de critica como aquelles de Antonio Nobre, Carlos Malheiro Dias e Albino Forjaz de Sampaio.

O seu livro, *Sol*, «carta a uma mulher» que acabamos de receber, é um delicioso mimo de lindos versos. Pequenino e delicado é dos que mais se destacam entre os ultimamente publicados.

Damos hoje o seu retrato, e que o bom moço não desanime no caminho tão auspiciosamente encetado, pois que o triumpho é só dos perseverantes e dos fortes, dos que teem a escudal-os uma vontade herculea que, nem as contrariedades da vida, nem a indole do temperamento nacional conseguem derrubar.

*R.*

# POLITICA EM PORTUGAL

## VI

*Ministros e lavradores.* — Ha periodos que valem como livros e livros que nem sequer merecem uma palavra de critica.

Está no primeiro caso o periodo que vou transcrever do semanario *Correio Agricola de Lisboa:* «E o mais curioso é que sendo já tantos os benemeritos ministros zelozos e desinteressados fomentadores dos interesses agricolas, da propriedade e do paiz, raros são os que o cultivam, os que da propriedade vivam, ou que no paiz possuam um palmo de terra.»

E' a pura verdade o que acaba de lêr-se e não o ignoram os lavradores quando votam em nomes de aspirantes a deputado que não só desconhecem completamente as coisas mais rudimentares da agricultura, como tambem são indifferentes a que ella seja prospera ou decadente, havendo alguns que simulam ser-lhe afectos, mas apenas durante o espaço de tempo indispensavel á consecução do diploma suspirado.

E porque não recusam os lavradores portuguezes acceder aos rogos de bonifrates, a maioria dos quaes nutre o proposito exclusivo de abiscoitar commissões de inercia e de bons preventos ?

Isto de commissões de serviço publico nas regiões occidentaes da peninsula iberica é deveras maná delicioso em deserto de cegos e de esfaimados, em que o trabalho é aguentado pelos *burros de carga* a que allude, com tanta razão, o meu excellente amigo e primoroso escriptor dr. Trindade Coelho, em sua revista publicada no *Diario de Noticias* ácêrca de assumpto alheio a cavas e a podas, e em que mettem o dinheiro no bôlso aquelles de que a aldravice antes merecia mangoal aplicado com animo assente e delicadeza sugestiva.

Mas deixemos de banda as commissões e seu prurido que não vêem agora a pêllo e durmam tranquilos de suas vértebras todos os sabios problematicos que as usufruem.

A agricultura nacional é o thema versado e a causa em litigio de defesa n'este logar : importa por isso não misturar alhos com bugalhos.

O momento actual é psychologico e oportuno para passar de palavras a obras, e cumpre attender a que se o mundo agricola o não souber ou não quizer aproveitar entre nós, tarde ou nunca chegará outro ensejo mais favoravel e proprio.

As crises graves, e ninguem pode contestar que os nossos lavradores estejam a braços com uma d'ellas, principalmente os vinicultores, debelam-se com muita prudencia e com muitissima disciplina.

Sem estas duas qualidades conjugadas não ha

nada feito em questões palpitantes de vitalidade colectiva.

De duas uma: ou os lavradores querem com effeito sair de situações ambiguas e precarias e n'esta hypothese põem de parte quaesquer considerações e respeitos mal fundados, conquistando por iniciativa pessoal o logar a que teem direito na economia nacional, ou só pensam em farelório de fogo artificial e, n'este caso futil, é melhor que recolham a silencio, consentindo mesmo que os deputados que elegem por solicitação de campanario, lhes transformem os vinhedos e os terrenos araveis em brinco de creanças e em geringonça de arlequim.

O que é intoleravel e inadmissivel é que permaneçam em doce esperança de futuro prospero, fiados em promessas lisongeiras de dirigentes politicos que unicamente apreciam da lavoura alguma coisa que lhes regala o paladar e conforta o estomago em horas de banquete.

Tem havido phrases felizes de occasião pronunciadas por titulares da pasta de Obras Publicas, que, se tivessem tido traducção fiel em factos de vida pratica no tocante á agricultura. de ha muito o paiz estaria em plena florescencia de lavoura. E não sabem os lavradores que semelhantes phrases fôram e teem sido titulo de eloquencia cortez em fim de jantar?

Ahi estão vivos ainda varios estadistas apostolos de tal systema tão commodo para ajudar a fazer boas digestões, quanto facil e prompto para livrar de embaraços e justificar a aura popular.

Não se levantam, porém, assim os povos decadentes, nem se emancipam com rhetorica de brinde as nacionalidades abatidas!

Os lavradores portuguezes não podem continuar a ser anonymos miseraveis a que os politicos só imprimem valor ephemero na ancia de vencer eleições á sombra e á custa de seu numero.

Este papel é improprio da especie homem e até seria indigno de escravos.

As categorias e as modalidades definem-se e accentuam-se por nobreza de caracter e por signaes de dignidade.

O ideal do sr. Carvalho e Oliveira, da Abrigada, parece-me perfeitamente viavel e porventura de natureza identica ao meu proprio ideal no assumpto agricola, quando sustentei nas columnas do *Correio Agricola de Lisbon*, já citado, a necessidade de ogranizar Centros Vinhateiro-Agricolas em cada concelho do paiz postos em communicação directa e assidua.

Estes pequenos centros unidos fortemente por laços de interesse reciproco e legitimo, e recebendo orientação da Grande Associação de vinhateiros (concepção do sr. Oliveira), mantendo com disciplina escrupulosa a divisa *todos por um e um por todos*, creio poder affirmar que haviam de constituir um nucleo salutar de força irresistivel e um esteio inabalavel de riqueza publica.

Os politicos dirigentes iriam então de chapeu na mão e sem sophisma nos labios pedir-lhes seu apoio e mendigar seu assentimento.

E os lavradores, conscios de seu predominio na vida economica da nação portugueza, assumiriam em face de quejandos pedintes as responsabilidades que entendessem,

Isto não é querer o carro adeante dos bois, mas usar de franqueza na exposição leal de meus pensamentos.

O que eu não gosto de vêr na governança é gente ignorante dos negocios que correm pela pasta que sobraça: detesto isso.

Vão rodados poucos mezes depois que um amigo meu, de origem ingleza, me disse haver-lhe referido pessoa fidedigna que um certo ministro da marinha e ultrama declarára na presença de um grupo de individuos: «saber pouco de coisas de Africa, que já lêra alguns livros e que tencionava lêr mais.»

O parenthese que acabo de abrir para inserção de uma facecia cuja authenticidade aliás não posso garantir, serve-me comtudo no ponto debatido para, por analogia, perguntar aos lavradores que sciencia e que consciencia teem elles notado em materia agricola na pessoa dos titulares de Obras Publicas?!

Abundancia de discursos parlamentares, excesso de expediente exotico e esterelisador, medidas typicas de bestunto asnatico, eis, sem duvida, uma catadupa maravilhosa de resultados nocivos para os campos e um remedio negativo de que derivam prejuizos quasi geraes.

Ha annos, disseram uns diplomatas estrangeiros, em digressão de recreio pelo nosso Minho: «que achavam Portugal tão bem cultivado no norte que, se fosse bem governado, o povo portuguez seria feliz.»

Não posso precisar se os individuos que falaram d'este modo eram italianos ou austriacos: quem m'o contou, homem de minhas relações, já fallecido, era italiano.

Mas, de resto, seja qual fôr a hypothese: é ou não é verdadeira a opinião expendida nas palavras citadas?

O que compete, pois, aos lavradores portuguezes no proposito de engrandecimento e de prosperidade da agricultura nacional?

«Ora, o que nos apresenta o mundo actualmente? — escreveu Louis de Noiron, em 1863, no livro *Missão nova do poder*. Uma ambição geral de fortuna e de bem estar, uma lucta phrenética contra tudo quanto se oppõe a sua satisfação. D'ahi uma falta geral de equilibrio.»

O equilibrio! — tal é a questão de vida ou de morte na causa agricola; e para haver equilibrio é forçoso que haja acôrdo, e para haver acôrdo é preciso que haja união de vontades, e para haver união de vontades é imprescindivel que haja aproximação de individuos.

E reparem os lavradores que não estou dizendo estas coisas para vender o meu peixe: digo-as e sustento-as porque o meu raciocinio as sugére, a minha consciencia as dicta o seu proprio interesse o ordena.

Nunca percam de vista que a união faz a força.

Pela união intima dos baróes estatuiu-se a celebre e famosa Magna Carta, de Inglaterra.

*D. Francisco de Noronha*

## RODRIGO ALBERTO DA SILVA

O nosso prezado collega *A Chronica*, cuja camaradagem por mais d'uma vez nos tem sido affirmada em manifestações de amavel sympathia dos seus directores, publicou em o seu numero d'este mez e na secção *Jornaes & Jornalistas* um artigo consagrado ao administrador d'esta revista, e filho do director e proprietario do Occidente, o sr. Rodrigo Alberto da Silva, illustrando a primeira pagina com o seu retrato.

Agradecendo a sua amavel deferencia bem como as palavras que dirige ao Occidente nas justas referencias ao seu administrador, pedimos-lhe venia para transcrever o artigo, como homenagem merecida áquelle que pelo seu caracter e dotes de coração se tem revelado não só um amigo sincero da familia e um companheiro leal e affectuoso dos empregados, redactores e collaboradores d'esta revista, mas um cooperador habil e dedicado até ao sacrificio pela vitalidade e progressos do Occidente, que não só representa a iniciativa d'um espirito culto, mas a obra d'um artista valioso como Caetano Alberto, n'esses 26 annos de lucta, que tantos conta esta revista, lucta homerica se pode bem chamar, de trabalhos e canceiras, em que dia a dia, elle, com o suor do seu trabalho tem mantido esse idolo com o mesmo dinheiro da sua bolsa, sem protecções, que não as sabe dar o paiz aos que teem verdadeiro valor!

«Commemorando, como bom camarada, o vigesimo-setimo anno de publicação da bem redigida revista—*O Occidente*—fundada por Caetano Alberto, em 1878, presta-se hoje homenagem ao seu actual administrador, Rodrigo Alberto da Silva—que muito digna e amoravelmente, auxilia seu pae na labuta continua de apresentar ao publico um jornal palpitante de interesse e actualidade,—publicando o seu retrato acompanhadõ de umas pequenas notas biographicas que conseguimos alcançar.

Foi Rodrigo Alberto um dos alumnos mais laureados do Instituto Industrial, das cadeiras de economia politica, technologia, historia, mathematica e desenho industrial. A esse tempo já geria de alma e coração *O Occidente*, continuando, apezar d'esse arduo trabalho, a estudar musica, de que é um cultor distincto, para o que possue uma voz de barytono, bella, clara, possante e malleavel, o que tem dado logar a que o instinguem a seguir essa carreira, mas nega-se positivamente por não querer abandonar a sua querida revista, nem mesmo desamparar seu estremecido pae. Tambem é um amador das lettras escrevendo por vezes lucidas apreciações litterarias e artisticas, que teem vindo insertas no *Occidente*, *Echos d'Avenida* e em outros jornaes litterarios; foi o instituidor d'um hebdomadario — *A Mocidade*, de parceria com Alexandre Luiz da Costa, Xavier Marques e Arthur Pereira; antes d'esse, porém, fundára *A Elegancia*, com Thomaz d'Eça Leal. Rodrigo Alberto tem corrido as provincias de Portugal quer em serviço do *Occidente* quer por digressão. O *Diccionario das seis linguas* foi por elle largamente espalhado, o que equivale a dizer que o exito enorme que a citada obra obteve foi devido talvez a Rodrigo Alberto.

O espaço é curto para dizer tudo o que ha de referencia agradavel e justa, simultaneamente, d'este bom e intelligente moço a quem *O Occidente* deve agora uma parte grande do seu desenvolvimento, não querendo nos com isto offender o caracter recto e as qualidades de trabalhador inconcusso que exornam Caetano Alberto, seu pae, que póde, comtudo, vangloriar-se de que tem em Rodrigo Alberto, um filho serio, talentoso e amigo de trabalhar, isto é, que se tem a si proprio. Como nota curiosa accrescentaremos um pormenor que chegou em bom tempo: Rodrigo Alberto que nasceu em 8 de outubro de 1875 tendo por paes o distincto artista gravador Caetano Alberto e a sr.ª D. Marianna Augusta Antunes da Silva, tem por padrinho o conselheiro sr. Rodrigo de Sousa, de quem fôra padrinho Rodrigo da Fonseca Magalhaes, o celebre tribuno; agora, perguntamos nós: de que Rodrigo será ainda padrinho Rodrigo Alberto?

E assim fica commemorado o principio de mais um anno do nosso collega — *O Occidente* — com a simples e despretenciosa consagração ao seu administrador, Rodrigo Alberto da Silra, que decerto nos perdoará este mal-alinhavado escorço.

Lisboa, 1903

*Henrique Marques Junior*

## NECROLOGIA

CONSELHEIRO ELYSEU DE SERPA

O paiz perdeu um dos seus funccionarios mais illustrados com a morte do sr. conselheiro Elyseu de Serpa.

Dotado de uma profunda intelligencia, d'um caracter lidimo, d'um espirito generoso e bom, deixou uma d'essas lacunas que só muito tarde se preenchem, pois não é facil encontrar n'um homem a par dos elementos intellectuaes que o distinguiam, os conhecimentos especiaes que o tornavam insubstituivel no alto cargo de administrador geral das alfandegas, para que havia sido nomeado em 21 de abril de 1892.

Victimou-o uma pneumonia dupla, e comquanto a doença não fosse longa foi cruciante e dolorosa, tomando desde logo um d'esses caracteres cujo diagnostico não illudem ninguem.

O sr. conselheiro Elyseu de Serpa nasceu em 31 de março de 1838 em Abrantes, e foi alumno distincto do Collegio Militar, d'onde sahiu para cursar a Escola Polytechnica e a Escola do Exercito.

Completando o curso de artilharia foi promovido a 2.º tenente a 29 de julho de 1862, seguindo desde então regularmente as differentes promoções que lhe competiam na arma, até que o decreto de 21 de outubro ultimo o graduou em general de divisão.

Fez parte da commissão de aperfeiçoamento da arma de artilharia, e foi sub-chefe da 1.ª repartição da direcção geral d'aquella arma, vogal da commissão do tiro, adjunto da Escola pratica, chefe da repartição do gabinete da secretaria da guerra, na gerencia do fallecido general Abreu e Souza, commandante da Escola pratica de artilharia e director do deposito de material de guerra.

Exercia á data da sua morte o cargo de administrador geral das alfandegas, tendo servido o logar de chefe da 4.ª repartição da mesma administração por decreto de 15 de junho de 1886, e de commandante geral da guarda fiscal por decreto de 16 de setembro do mesmo anno, tendo sido exonerado d'este cargo por effeito da reforma das alfandegas em 21 de dezembro de 1901.

Era ajudante de campo honorario de Sua Magestade El-Rei, tendo sido agraciado com os graus de cavalleiro, official, commendador e grande official da ordem de S. Bento d'Aviz, por distincção, tendo tambem as medalhas de prata de bons serviços e comportamento exemplar.

No exercito era um dos vultos de maior prestigio pela consideração que todos lhe tributavam mercê da sua illustração e elevados dotes de caracter.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

**Homens e Livros.** — *Raul de Azevedo, Rio de Janeiro. Typographia Leuzinger, 1903.*

Acabo de lêr as 132 paginas de texto nitidamente impresso que constituem o elegante volume de formato pequeno *Homens e Livros*.

Eis o seu indice: «Carta a Affonso Celso; Emilio Zola; Affonso Daudet; Os Goncourt; Guy de Maupassant; Dumas Filho; Pierre Loti; Paulo Bourget; Ernesto Renan; Hyppolito Taine.»

O auctor explicando na carta a Affonso Celso os motivos do volume, perfila em seguida com precisão notavel e muita firmeza de erudição os grandes vultos da França intellectual, da leitura das obras dos quaes lhe «ficaram impressões». Assim o affirma Raul de Azevedo com provada modestia; a verdade porém é que são mais que impressões os empolgantes perfis reunidos no volume.

Eu que, felizmente, tenho lido muitas das joias litterarias cinzeladas por aquelles insignes artistas do pensamento e da fórma e que até conto alguns exemplares d'ellas entre os meus livros, não acceito o termo impressões visto cada perfil ser completo e acabado.

CONSELHEIRO GENERAL ELYSEU DE SERPA

Lido o volume *Homens e Livros* reconhece-se o fino criterio do auctor e vê, quem não é extranho ao movimento intellectual de nossa idade e já manuseou as obras citadas, vê, digo, que elle aquilatou com exactidão o caracter especial e os meritos das individualidades.

Foi esta a primeira vez que tive ensejo de lêr trabalho escripto pela penna de Raul de Azevedo cujo nome tenho visto citado aliás na imprensa.

Apezar de não ser irreprehensivel a sua linguagem, facto nem sempre devido a culpa do escriptor mas á propria lingua ainda não depurada inteiramente, apezar d'isso, que não chega á cathegoria de um senão, agradou-me deveras e imbuiu alento em minha alma.

D. Francisco de Noronha.

**Kalendario para 1904.** — Brinde da casa Baeta Dias. É dos melhores que temos recebido. Principiando pela capa, de finissimo gosto, onde uma vaporosa figura de mulher mostra as horas que passam, marcadas no espaço indefinido, até folhear as paginas do kalendario ornadas de delicadas vinhetas impressas a côr leve, tudo deixa a agradavel impressão de uma obra de fina arte.

Ha, porem, n'este kalendario mais que apreciar e são os mimosos versos com que D. João da Camara acompanha as quatro estações do anno, o que o torna ainda mais distincto e estimavel


**Henrique Bastos** — Cirurgião dos hospitaes

**DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO**

*Exame endoscopico da urethra e bexiga.*
*Colheita de urina de cada um dos rins*

CONSULTAS { Senhoras — ás 10 horas da manhã
Homens — ás 3 » da tarde

**LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA**

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

**Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras**

**R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA**

BERLITZ SCHOOL

LINGUAS VIVAS

| *Lisboa* | *Porto* | *Coimbra* |
|---|---|---|
| *Rua do Alecrim* | *Largo dos Loyos* | *Vianna* |
| *20 A.* | *14* | *Braga* |

**Ensino pratico por professores estrangeiros**

Alfredo Rebello

CIRURGIÃO DENTISTA

**Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa**

Dentaduras artificiaes, em ouro, caoutchou, etc., pelos systemas mais aperfeiçoados. Extracções de dentes sem dor. Elixir Odontologico «REBELLO»

*Consultas todos os dias das 9 ás 5 da tarde*

**39. 1.º — POÇO DO BORRATEM, — 39 1.º**

Em frente da Rua da Bitesga — LISBOA

*Guilherme da Silva Spratley & C.ª*

Antiga casa A. Augusto da Silva, Successores

FUNDADA EM 1840

**Vinhos do Porto** e outras qualidades para consummo e exportação

ESCRIPTORIO

**162 — Rua do Arsenal — 164 — LISBOA**

**CENTRO PHOTOGRAPHICO DE LISBOA**

**Marçal Pacheco**

Praça de Luiz de Camões, 31 e 32 e R. do Norte, 1 e 2

(CASA FUNDADA EM 1885)

Grande sortimento de material photographico, por grosso e a retalho, para photographos e amadores. Revellam-se clichés e pelliculas.

Tratado de photographia theorico e pratico, illustrado. Edição quasi esgotada. Preço 1$600 réis. Para a provincia 1$700 Papel Marion n.º 515, ferro prussiato com 0,75 de largo, por 10 metros de comprido. Preço 2$400 réis. Para revender, 10 % de desconto, em quantidade não inferior a cinco peças.

SERTORIO A. S. CORTE REAL

SOLICITADOR ENCARTADO

LISBOA — **Rua dos Retrozeiros, 149, 2.º**

VIERLING & C.ª L.DA

CAMBIO

*Papeis de credito e Loterias*

**44, RUA DO ARSENAL, 46**

1, Esquina do Pelourinho, 3

LISBOA

**Telephone 611**

Endereço telegraphico:

**STERLING — LISBOA**

**SELLOS**

Compram-se sellos antigos e modernos, novos e usados de todas as nações, pagam-se sempre por muito maior preço que outra qualquer casa Vende-se em pacotes todos differentes.

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| 50 | colonias | estrangeiras | .... | 250 |
| 100 | » | » | .... | 700 |
| 150 | » | » | .... | 1$400 |
| 200 | » | » | .... | 2$000 |
| 300 | » | » | .... | 4$200 |
| 400 | » | » | .... | 8$500 |
| 500 | » | » | .... | 19$000 |
| 200 | estrangeiros | differentes | ... | 300 |
| 300 | » | » | ... | 500 |
| 500 | » | » | ... | 1$500 |
| 1$000 | » | » | ... | 4$300 |
| 1$200 | » | » | ... | 7$000 |
| 1$500 | » | » | ... | 10$000 |

Vendem-se albuns, catalogos e sellos desde 50 a 100 réis o franco, fazem-se remessas á escolha, mediante abonações ou deposito.

**Barbosa & Esteves**

*58 — Rua de Santo Antão — 60*

ARMAZEM PHOTOGRAPHICO

DE

**WORM & ROSA**

*135, R. da Prata, 137 — LISBOA*

Fourniture générale pour la photographie — Commissions

**Boletim Photographico** — Unica revista illustrada de photographia mensal que se publica em Portugal.

*EDIÇÃO E PROPRIEDADE D'ESTA CASA*

**Numero á entrega 150 réis**